

A família pretende dar continuidade a reforma da casa, se inserir em uma produção agroflorestal, para essa finalidade já existe uma área reservada no fim da propriedade, serão cultivadas plantas nativas e frutíferas, além da roça. Também se pretende estruturar um sistema de irrigação, tomando cuidado com a água, já que a região tem um alto índice de salinidade, tudo isso melhorando o que existe, ampliando e diversificando a produção.



A propriedade tem avançado no que diz respeito às práticas de produção integradas, tornando-se cada vez mais sustentável, não apenas na produção de alimentos, e sim, nas relações familiares, comunitárias e econômicas, pautadas na solidariedade, buscando cada vez mais uma cultura permanente.



*"Morar no sítio e não produzir, não pode". (Aparecida)*

# O Candeeiro

Boletim Informativo do Programa Uma Terra e Duas Águas

Ano 10 · nº 2273  
Julho/2016

Igaci



Alagoas

## "Quem não quer padecer nasce morto".



Este texto começa com o dito popular pertencente ao cotidiano da família da qual falaremos, o padecer que muitas vezes nos remete a "morte" por cruz, na realidade representa a resistência diante desta. Essa que também é uma história de luta e resistência.

Se inicia em 1983 quando Dona Aparecida conhece Seu Juscelino, em uma festa de casamento no sítio Preguicinha, sendo pedida em namoro durante um forró, assim conta Dona Aparecida, apontando os receios, e advertências de sua mãe, ela diz sim, aos seus dezoito anos.

Casaram no ano seguinte, pois a sogra era brava, nos diz Seu Juscelino. Diante da sogra que exigia urgência no casamento, ele responde "se quiser caso amanhã", mostrando sua disposição para além da exigência. O casamento só aconteceria alguns meses depois, em 29 de dezembro de 1984. Já em 1985 nasceria a primeira filha do casal, que se chamava Bruna e viria a falecer de forma breve.

Em 1985 moravam em uma casa de aluguel, que em seguida foi comprada, e dada de presente pelo pai de Juscelino, era uma casa bastante pequena, descobriram que os tijolos eram crus e começaram a se desmanchar, tudo isso na comunidade de Coité das Pinhas, Igaci.

No dia 6 de maio 1987 nasce a segunda filha, Nadja, e com ela a alegria da maternidade, pois esse era um desejo de Aparecida.

Em 1989 nasceu seu filho, Nicácio, nome de origem bíblica significando "aquele que venceu os homens". "Ainda morava em Coité das Pinhas, lá nunca faltou um canteiro e algumas fruteiras, mas queria mais, pois não era o bastante. Tinha uma casa, porém queria terra para produzir".

A autonomia das mulheres nem sempre foi vista como algo benéfico e necessário, "moça estudada só dá pra rapariga, dizia minha vó, minha mãe por isso me tirou da escola". Sendo o motivo de largar a escola, ainda antes do casamento, na quarta série da educação básica, Conta Aparecida. Contudo começou a frequentar a Associação dos agricultores Alternativos (AAGRA)<sup>1</sup> nos anos noventa, indicada por sua comunidade a fazer parte do conselho gestor. "Lá aconteciam as reuniões da terra, depois as reuniões eram na terra mesmo, mesmo sem ser nossa ainda", "A AAGRA na minha vida foi uma luz foi uma faculdade para mim, lá eu ocupei meus pensamentos em momentos difíceis da minha vida". Neste período Nadja era assistida pelo sistema de apadrinhamento da Visão Mundial.



*"A AAGRA foi minha escola, minha faculdade, é parte do que eu sou, contribuí com ela, e ela comigo". (Aparecida)*

O crédito fundiário foi à alternativa para a questão da terra, para um grupo de agricultores sem terra, que tinham o objetivo comum de produzir em uma perspectiva diferente, agroecológica, o que hoje, é o Assentamento Unidos pela Terra. Juscelino deixou de ser caminhoneiro para ser assentado e nesse momento já tinha parado de beber. “Pensamos em plantar umas pinhas para pagar o terreno, e umas coisinhas para comer” (Aparecida). Anualmente os moradores do assentamento pagam uma parcela de aproximadamente R\$ 2.643 pela terra, pelo crédito fundiário, quase todos pagam com o dinheiro da produção na terra.

No ano de 2007 foi construída a casa para onde a família mudou-se na primeira oportunidade, ignorando alguns elementos fundamentais e adversos, nesse mesmo ano aconteceu o casamento de Nádja, ficando em casa Aparecida, Juscelino e Nicácio.

“Tinha medo de não se acostumar com o sítio, sem água encanada, sem energia ou cisterna, e muito mato. A água de beber era transportada em tambores, pega com uma carroça emprestada, na casa de parentes na Comunidade Santo Antônio, e para “gasto” vinha de uma barragem do chafariz comunitário. Com tudo isso queria produzir e gerar renda, logo pude ver, que criar gado não seria a solução. Os tambores também eram emprestados, a comunidade trabalhava em mutirão para vencer o mato e se animar”, conta Aparecida. No terreno só o que tinha plantado era uma mangueira e alguns cajueiros, Seu Juscelino trabalhou 120 dias, tirou o mato, adubou, plantou e colheram no primeiro ano 127 sacos de milho.



*“Quando cheguei tinha muita malícia, eu disse: ou deixo o couro ou arranco esses espinhos”. (Juscelino)*

“Chegamos e não queríamos mais voltar para o Coité, era lá que queríamos ficar, ainda ficamos quatro meses sem energia, usando candeeiro e vela, Em 2008 chegou, já pude trazer minha geladeira um radinho, e a televisão, tomar um suco gelado”.

“Como eu já estava morando na casa, tinha dois filhos e recebia bolsa família, então tava dentro dos critérios, aí recebi a primeira cisterna, a de 16 mil litros, a casinha era pequena, mais não era daquele tijolo cru, era segura”.

No ano de 2010 foi construída uma cisterna calçadão de 52 mil litros, com o objetivo de potencializar a produção já existente, com esta foi feito o caráter produtivo da família, sendo assim incluídos, “cinco coqueiros, galinhas que ainda existem, alguns pintinhos da semente”, segundo Dona Aparecida. A cisterna foi construída pelo Centro de Apoio Comunitário de Tapera em União a Senador (CAC-TUS), instituição que também é integrante da ASA/Alagoas, até hoje a cisterna só foi abastecida com água da chuva. Em seguida foram plantadas 1.500 pés de pinha, as mudas foram solicitadas ao poder público, porém a demora estimulou a produção no próprio local. Em 2012 conseguiu comprar o carro para transportar água, para regar as pinhas que ainda eram novas, pois esses anos foram de seca verde.

A divisão do trabalho é notada em uma primeira vista, desde regar hortaliças, plantas ornamentais e medicinais, até alimentar e guardar os animais, incluindo planejamento, produção e comercialização, onde toda atividade deve ser resultante do consenso familiar. O casal se reveza na produção (roça) e comercialização (feira) junto

com Nicácio. “Todos trabalham na roça, porém quem guia os animais no arado e carroça é o Nicácio”, nos conta Juscelino.

Devido a proximidade com a associação (AAGRA) e outras instituições, bem como a vida comunitária no assentamento, na propriedade da família existe um trânsito constante, de técnicos em agroecologia, lideranças e outros agricultores experimentadores, dessa forma existe uma troca constante de experiências, sejam em encontros pontuais, com essa finalidade, ou de forma rotineira, tendo em vista que estes sujeitos já estabeleceram relações pessoais com a família.

Diante do acúmulo empírico a propriedade tem avançado no que diz respeito às práticas de produção integradas, tornando-se cada vez mais sustentável, não apenas na produção de alimentos, e sim, nas relações familiares, comunitárias e econômicas, pautadas na solidariedade, buscando cada vez mais uma cultura permanente.

A família possui três bovinos, sendo, uma vaca de leite, um bezerro e uma novilha, os quais produzem esterco que serve de adubo, esses animais pastam entre as pinheiras, se alimentando da erva de besta, pasto nativo abundante na propriedade, que também serve para as aves, no caso, galinha de capoeira, guiné e peru. Além do pasto nativo, existe na propriedade uma área reservada ao cultivo do milho, que além do consumo da família é comercializado e serve para produção de silo e farelo para os animais.

Devido aos períodos de estiagem, são utilizadas técnicas de irrigação de salvamento, principalmente por gotejamento, com garrafa

<sup>1</sup> Associação dos agricultores Alternativos-AAGRA, Instituição membro da ASA/Alagoas, criada no final da década de 1980 com o objetivo de fazer frente às propostas e pacotes resultantes a chamada “Revolução Verde”, que representavam o uso de transgenia, agrotóxicos e o latifúndio, bem como uma visão de mundo.



PET, maximizando assim o uso da água armazenada, para esse período também são feitos os silos e o plantio de palma para o gado, e criação de animais de pequeno porte.

Durante todo o ano a água do banho e pia são destinadas ao cultivo de bananas ao lado da casa, que também é destinada ao consumo e comercialização, de onde se afirma já ter tido retorno de R\$300,00 em um só ano.

A família costuma guardar sementes em garrafas pet, (feijão, milho, fava, alface, pimentão e quiabo que partilha com a vizinhança e parentes, algumas sementes foram perdidas, porém estão sendo retomadas). Segundo Juscelino não existe um banco de sementes, mas o hábito de guardar para não comprar. Assim também acontece com a produção de mudas de pinha, o principal elemento da produção familiar. Deve se levar em consideração que a propriedade se encontra no triângulo da pinha<sup>2</sup>.

Apesar de existirem poucos, ou nenhum problema com pragas, na propriedade só é utilizado defensivo natural à base de urina de vaca, em pequenas quantidades. Também é feito um trabalho de compostagem e cobertura morta, reutilizando grande parte da matéria orgânica.



*“O carro que era para água, é para feira agora”. (Juscelino)*



<sup>2</sup> Triângulo da Pinha é a região da agreste que engloba os municípios de Palmeira dos Índios, Estrela de Alagoas e Igaci, conhecida pela grande produção de pinhas.